



DA PALAVRA COMO FERIDA HEDIONDA

About the word like a heinous wound

Liliana Patricia Marlés Valencia

Universidade de São Paulo – USP

lilianamarles@hotmail.com

Luciano de Jesus Gonçalves

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO

lj_goncalves@hotmail.com

Resumo: Por meio de um convite, é possível solicitar, ordenar, recomendar, atrair ou incitar. O atendimento positivo a esse tipo de documento implica ingresso em evento ou espetáculo. É sob a égide desse termo que o trabalho apresenta o romance *O casamento*, lançado em 1966, de Nelson Rodrigues, ao mesmo tempo em que formula uma proposta de leitura para a obra: diante de um turbilhão de vertigens, o ideal de masculinidade, construído na figura paterna – ao mesmo tempo em que cede espaço para algo falido, desmoralizado, que não se sustenta – resulta na delação de um sistema patriarcal ridicularizado. Em meio a essas construções, o paralelo estabelecido entre masculinidade e homossexualidade contribui para a derrocada do macho. O homoerotismo, por sua vez, virá, sempre, performado por meio da palavra, constituinte do imaginário erótico de figuras que desejam carimbar o masculino como algo estável na narrativa. No entanto, apesar de todos os esforços dos personagens, o que se obtém é uma virilidade escassa, deteriorada e rala, nas palavras de um deles. O trabalho conclui que, mais do que atacar o matrimônio e seus procedimentos, o romance-convite se presta a evidenciar uma modernidade decadente e, nesse sentido, a homossexualidade enrustida aparece como linha de força no emaranhado de fraquezas humanas constituintes da “época mais cínica de todas”, na célebre definição rodriguiana.

Palavras-chave: *O casamento*. Nelson Rodrigues. Masculinidade. Homossexualidade. Fantasia Erótica.

Abstract: An invitation works as a way to request, to order, to suggest, to appeal to or to provoke. Attending to it implies to take part in an event or a performance. It is under the aegis of this term that this article introduces the novel *O casamento*, published in 1966, by Nelson Rodrigues. At the same time, it formulates a reading proposal: in the face of a vertiginous whirlwind, the ideal masculinity, built upon the paternal figure, turns out to be a denunciation of a scorned patriarchal system.

Meanwhile, a ruined, demoralized, unsustainable thing takes over. Among these constructions, a parallel created between masculinity and homosexuality contributes for deposing the macho. Homoeroticism, at its turn, will always be performed through speech. It is a component of the erotic imaginary of characters who desire to stamp masculinity as something that is stable. In spite of characters' efforts, it is a scant, sparse and worn, virility is derived from their words. This text leads to the conclusion that more than to attack marriage or its proceedings, the novel-invitation serves to evince a declining modernity. In this sense, a bashful homosexuality comes out as a line of force. It seems all tangled up with the human fragility inherent to "the most cynical age among all", quoting the famous definition by Rodrigues.

Keywords: *O casamento*. Nelson Rodrigues. Masculinity. Homosexuality. Erotic Fantasia.

Introdução

O casamento constitui-se como consagração de união que visa estabelecer uma família, mas *O casamento*, romance de Nelson Rodrigues, é justamente o contrário. Mesmo que a cerimônia entre Glorinha e Teófilo funcione como motor de toda a trama, o autor instaura um lugar de fala a partir de *figuras da inversão* e cria um romance operado por *vertigens* em sua linguagem que desafia todas as instituições. E, aqui, estamos pensando, principalmente em Xavier (2003) e a sua hipótese sobre a construção de uma masculinidade ridicularizada, falida. Partindo dessa tese, demonstra-se, nesse trabalho, que a homossexualidade é um dos elementos essenciais para tal construção.

De modo geral, o romance não contempla muitas palavras obscenas. Livre de palavras explícitas, o sexo residirá nas cabeças dos personagens. E, mais especificamente, argumenta-se, o sexo apontado é o proibido e, quase sempre, homossexual. Esse sexo se constitui como contraponto para a masculinidade ilibada que os mesmos personagens procuram erigir. Confirmando a máxima rodrigueana que repudiava o teatro em que o público comia "[...] a realidade com direito a Coca-Cola e Guaraná" (RODRIGUES, 1993, p. 229), a construção romanesca que ora se apresenta também exige dos seus convidados-leitores um paladar mais forte.

O herói bunda seca

São destinados a Sabino os verbos que abrem e fecham o romance rodriguiano. É a partir do espectro existencial dessa figura masculina e patriarcal que a narrativa será conduzida. A imagem do pai de família respeitável começa a ser construída logo no verbo que inicia a obra. A partir daí, a seriedade das descrições será colocada sob suspeita à medida em que o personagem capta, enquanto compra cigarros, uma sentença de morte: “Todo magro é canalha” (RODRIGUES, 1992, p. 05)¹, o que lhe reporta à própria condição de magreza.

Se a tentativa do narrador é construir em torno desse empresário imobiliário uma atmosfera de gravidade, o “recolhimento” da assertiva popular cria um efeito silogístico, mas negativo, no protagonista: a) Todo magro é canalha; b) eu sou magro; e, por último; c) “[...] eu não sou canalha” (p. 05). Desde o início da narrativa, o efeito bem-humorado que o ditado popular provoca contribui para que a ideia de masculinidade viril seja colocada sob suspeição.

Nesse sentido, é notável que a obrigação em se tornar um “homem de bem” lhe é repassada por seu pai, enquanto este último se decompõe em seu leito de morte. O menino *bunda seca* do ginásio deverá se tornar um *homem de bem*. Além do cumprimento da promessa filial, há em tal passagem o recolhimento da ideia popular em que se postula que a um morto, não se deve negar nada.

A boda e a batizado, não vá sem ser convidado

O manejo com os tempos verbais está refletido na inserção de histórias anteriores, bem à maneira do *flashback* em seu sentido mais tradicional – na função de interromper o fluxo cronológico e oferecer outros dados à narrativa primeira. Nesse ponto, aquilo que poderíamos chamar de romance-convite já introduziu, de maneira sutil, a notícia de que nós, convidados, estamos na iminência do casamento da filha mais nova do empresário, cuja identidade vem carregada de uma beatitude excessiva através do diminutivo que a nomeia:

¹ A partir desse momento, as citações do romance estarão dispostas, apenas, com o número da respectiva página.

Glorinha. De fato, era provável que para o momento do casamento, a moça possui-se os líquidos do incômodo cor-de-rosa mas eles não cheiravam mal, na perspectiva de Sabino².

Entre o saltar do automóvel e o parar para comprar cigarros, o personagem repassou a morte do pai, que “[...] morrera defecando” (p. 13); inseriu passagens no bordel de uma prostituta gorda que gostava de ler e que já havia lido *O grande industrial*; relembrou a justificativa do seu próprio casamento (a falta de potência sexual diante das prostitutas); e a sua preocupação no fato de ter gerado somente mulheres, quatro ao todo, das quais, Glorinha seria a caçula.

A ideia de homossexualidade é inserida, de maneira explícita, ainda nesse capítulo. Na passagem, há a retomada do episódio do último aniversário da noiva. Nele, Sabino discute com o médico da família, Doutor Camarinha, o fato de possuir apenas filhas. Explicando a ventura do seu interlocutor, o médico sentencia: “Já imaginou se você tem um filho e o filho dá para pederasta? Eu tenho um e dou graças a Deus de meu filho ser macho pra burro! Macho, macho!” (p. 09). O médico realiza mais uma importante conexão do enredo, a de Glorinha com seu herdeiro, Antônio Carlos. Ao afirmar que em Copacabana “[...] a pederastia pingava do teto, escorria das paredes” (p. 09), o médico questiona sobre os motivos para a existência, no Brasil, de uma “[...] masculinidade escassa, rala, deteriorada que só tem sentido nos povos inteligentes demais [...]” (p. 9). Em paralelo, estávamos, segundo Camarinha, diante de uma pederastia *incivilizada e semi-analfabeta*.

O que incomoda Sabino, mais que as implicações daquilo que o bêbado fala, é como e quando essa palavra é pronunciada (aos berros, diante de senhoras e mocinhas). A partir daí a ideia de pederastia, na perspectiva de Sabino, tratada como sinônimo de homossexualidade, ganha ares de ferida que não pode ser exposta em público.

O que se vê, adiante, é a continua intensificação da lembrança paterna, sempre vinculada à imagem hedionda e fétida: “‘Eu amei meu pai nas fezes’ Sim, com as fezes, o pai assumira a sua plena miserabilidade” (p. 21). A retomada da figura paterna em tais condições amplia a atmosfera de uma masculinidade poluída³.

² É exemplar uma cena inicial do filme de Jabor em que Sabino contempla a filha dormindo seminua. Além da visão, o olfato do personagem é ativado quando o mesmo passa a examinar com as narinas uma calcinha da filha.

³ Tópica muito comum da literatura erotizada, a passagem, com altos níveis coprológicos, remete-nos à novela *História do Olho*. Também nesse caso, as fezes aparecem como um dos elementos máximos da desmoralização

Da notícia de uma ligação e da visita do amigo Camarinha, novamente, o fantasma da homossexualidade irá afetar o empresário. Diante de um Sabino que deseja interrogar sobre a virgindade da filha, o médico dispara o motivo urgentíssimo do encontro: “Vi teu genro, teu futuro genro, O Teófilo, beijando na boca o meu assistente. Meu assistente, aquele rapaz que você conhece, o Zé Honório. Ninguém me contou, eu vi” (p. 19).

O médico insiste, lembrando o porre anterior: “Dei vexame, dei. Mas o meu porre foi profético. Está aí: teu genro é pederasta! Só não sei qual dos dois é mulher” (p. 22). As figuras masculinas, dadas aos mexericos, apontam para a curiosidade sobre os papéis do ato sexual numa relação homoerótica. Adiante, desenvolvendo uma hipótese sobre a filha do amigo, Camarinha afirma que: “[...] mulher não entende nada de homem! Em matéria de homossexual é sempre a última a saber” (p. 22).

Um raciocínio que flerta com entendimento circular da matéria. Camarinha é homem. Sendo assim, entende de homens que são capazes de expressar práticas e sentimentos homossexuais. Mas a teoria se revela mais complexa, porque, segundo o médico, há aquelas que, “[...] muitas vezes, sabe e aceita. Há também as que gostam, preferem o pederasta” (p. 22). O que se alude, desde então, é a possibilidade de que o casamento a ser selado seja construído sob a mácula da homossexualidade. Sabino chega à conclusão de não contar para a esposa sobre a conversa com o doutor. O personagem afirma que “[...] mulher não tem caráter” (p. 32). A afirmativa é a primeira de uma série de construções que depreciam a esposa.

Mas a desinformação sobre o ativo e o passivo impede Sabino de uma decisão mais drástica, além de que, na véspera, o casamento que tem por convidados ministro e senhora, já se tornou indissolúvel. Antes da próxima visita, outra reflexão de Sabino em torno da importância do ritual, o que nos alerta sobre a gravidade do convite. Tratando a dissídia como algo imperdoável, afirma:

paterna. Em Bataille, o narrador, e personagem, oferece-nos um quadro de degeneração da figura paterna. Esse quadro se inicia antes mesmo da concepção daquele que narra, afinal de contas, este fora concebido por um pai sífilítico e, por conta da doença, cego. Esse tom de putrefação recria um universo antagônico e desautorizador com relação ao adulto, de modo geral, e ao pai, de modo específico. Em um texto que compõe o Apêndice da edição de *História do Olho*, Moraes explica que, na novela, “[...] com efeito, a presença dos adultos é muitas vezes marcada por uma certa fantasmagoria, sobretudo porque eles raramente têm direito à palavra” (MORAES, 2015, p. 103).

[...] o sujeito deve compreender que a véspera de um casamento não é o momento próprio. [...] ‘Por que hei de acreditar mais no doutor Camarinha e não no meu genro, por quê?’ Mania de se meter na vida dos outros. [...] Gosta de ser desagradável, diz coisas que ferem. Eu chego a pensar que é inveja (p. 29)

Da passagem, a relação com amigo, agora pautada pela suposta inveja, é um complicador para a realização do casamento. Das expressões de Sabino, mediadas pelo narrador, há outro sentido para a palavra que, além de constituir-se em ferida, pode transformar-se em instrumento para ferir.

Adiante, a circunstância da véspera do casamento é colocada em uma posição capaz de anular o poder de ferimento da palavra. Ao ser insultado pela mulher, que o manda à bedamerda, reflete: “[...] se não fosse a véspera do casamento, ele não a perdoaria, jamais. Mas, depois que o dr. Camarinha dissera aquilo não ia se doer por um palavrão” (p. 32). Quer dizer, pederastia é pior do que palavrão, é muito mais grave e horrível de ser ouvida do que palavrão, mesmo que fosse verdade o fato apontado pelo médico.

A ligação de uma tia que “[...] traía o marido” (p. 38) põe em questão outra palavra capaz de ferir as sensibilidades moral e social de Sabino: “E tia Moema traía sem remorso, nem sigilo. Simplesmente traía, com uma naturalidade cordial, quase doce. Esse parentesco com uma adúltera confessa, proclamada, punha Sabino fora de si” (p. 38). Mais uma vez, a supremacia da palavra avulta diante do pecado em si. O que fere a moralidade de Sabino, mais que a contravenção social, materializada na existência *da única sem vergonha da família*, é a assunção dessa contravenção, a ausência do remorso e o fato de ela ser confessa.

Diante da chegada de Glorinha à imobiliária do pai, há a inserção de uma passagem em que o nome da moça foi escrito no mictório masculino da empresa. “E não só o nome. O pior eram os desenhos hediondos, os palavrões” (p. 33). As palavras possuem a aptidão para afetar Sabino, quem jamais pronuncia um palavrão, e o fato da mistura entre o nome puro da Glorinha num espaço de marcada sujeira afeta ele profundamente. Expõe, aliás, a possibilidade de que Glorinha seja vista como um objeto de desejo e obscenidade para os outros, também. Durante a visita, ele obtém a informação de que o médico pretende conversar com a sua filha. Sabino afirma, ao refletir sobre a conversa futura entre Glorinha e o Ginecologista: “Há coisas que só um pai, ou só uma mãe, pode dizer. Sou pai, posso dizer

tudo. [...] ‘Tenho que salvar a minha filha’” (p. 39). É possível apontar aí, além do ciúme acentuado, a vontade de exprimir o desejo.

Na noção batailliana de literatura culpada, retomamos a passagem em que o estudioso atrai para esta manifestação outras categorias em prol de sua definição: “Sendo ela inorgânica, ela é irresponsável. Nada repousa sobre ela. **Ela pode dizer tudo**” (BATAILLE, 2015a p. 22, grifos nossos). No caso de Rodrigues, a personagem esboça o desejo de dizer tudo. Esse desejo, no plano do irrepresentável, está na base da construção do romance. A tópica retornará, mais adiante, em uma espécie de jogo da verdade proposto pela moça. A cena da praia, já ao final do dia que antecede o casamento, servirá para que a mesma, de maneira cruel e sedutora, retome o poder diante de um pai seduzido pela postura e verbo ambíguos.

Casamento, ainda que poluído pela palavra, não se adia

A narrativa segue na construção do que estamos chamando de romance-convite. Como temos visto, os arranjos dos elementos que vão compor a convocatória ao leitor são muito simples. É na repetição do método que Rodrigues faz circular a narrativa e, a cada inserção, introduz e provoca as vertigens que fazem do texto, mais que convidativo, provocativo, sedutor, folhetinesco e convocatório.

Diante da consulta que fará ao monsenhor, ao ser atendido por um padre moço, e com esparadrapo no pescoço, adereço que contém uma ferida ou mácula na pele, Sabino se questiona se estaria vendo a pederastia por toda a parte. Enquanto aguarda o conselheiro, espera por um consolo verbal: “Talvez monsenhor dissesse: ‘Um beijo não é tudo’. Exato, exato. ‘Pederastia é o ato completo’. Houve o beijo. Vamos que a coisa não passe daí, não passe de um primeiro beijo?” (p. 48).

Ao mesmo tempo em que deseja conceber a possível homossexualidade do genro, estabelece algo em torno de sua própria constituição. Além de um gestual mais complexo, a homossexualidade poderia ser definida pela utilização da palavra, da pronuncia do desejo e do gozo. Precisa-se, pois, de uma autoridade para nomear essa pederastia, se ela não for chamada como tal por parte do monsenhor, ela simplesmente não existiria e seu genro continuaria a ser digno de casar com a filha.

Diante do monsenhor, é, novamente, a palavra que irá ferir o seu brio masculino. “Sabino, quando mijo eu me sinto um jumento” (p. 49), confessa o padre. A conversa de mictório fere Sabino porque o interlocutor poderia “[...] ter dito ‘urina’, mas preferiu ‘mijo’ que lhe parecia uma palavra úmida, quente, saturada de *élan*, de uma tensão muito mais rica” (p. 49).

Na passagem, a palavra que incomoda e desestabiliza é aquela que respinga, molha e umedece em sua quentura. Além de ferida hedionda, a palavra pode ser dejetivo, fluido corporal. Essa palavra, dotada de *elã* vital (expressão muito repetida na narrativa), é uma palavra performativa e, sendo assim, desempenha muitos papéis diante do narrado.

O monsenhor irá colocar para fora outras máximas nesse mesmo plano, a exemplo de “[...] mijo bonito como os jumentos” (p. 49), chamando à atenção para seu fluxo urinário e o comparando ao do animal específico, potente nessa atividade, talvez por conta de sua anatomia privilegiada. E, ainda: “Mas sabe quando é que eu me sinto mais próximo de Deus e Deus mais perto de mim? É quando eu esvazio a bexiga, ou os intestinos. Não tenho vergonha nem de palavras, nem de órgãos, nem de funções” (p. 49-50). Monsenhor, portanto, vincula Deus com o excesso e o baixo corporal numa postura que desorienta Sabino. O Deus de *um homem de bem*, como ele não, pode estar relacionado com nenhuma sujeira. É um Deus puro, como a Glorinha.

Além da palavra, recai no corpo, nas suas funções excretoras, a capacidade de performance. Há o destaque da transpiração excessiva do Doutor Camarinha, da coriza e os suores de alguns personagens. É do Sabino a impressão de que “[...] a transpiração abundante é meio obscena” (p. 82). A matéria que sai do corpo é obscena. A palavra, alçada ao nível da transpiração, igualmente. Assim, ela ganha ares daquilo que escorre, que suja.

Cabe lembrar aqui a reflexão de Raúl Dorra a respeito da possibilidade de incluir a escrita na História da significação do dejetivo na cultura ocidental. Isso com base numa etimologia provável da escrita como relativa à ação de se verter, escorrer: “[...] es-critura [...] también es un es-currir” (2005, p. 58). Assim, a escrita compartilha a condição de excremento junto com as erupções cutâneas, a voz e o encardimento.

Nesse ponto, por extensão, definimos um Sabino que se incomoda. Não podemos esquecer que tal verbo também guarda a noção de fluxo menstrual. A palavra obscena o fere, o expõe e o diminui em sua masculinidade. Em outra passagem, o narrador irá afirmar:

“Diante daquele homem, Sabino sentia-se de uma fragilidade quase feminina” (p. 53). Mas vem do monsenhor a garantia de que o convite continua de pé, afinal de contas: “O importante no casamento não é a noiva ou o noivo. É o próprio casamento. O ato sexual, que é o ato sexual? [...] O ato sexual é uma mijada” (p. 50). Mais uma vez, a garantia de manutenção ritual vem acompanhada de uma palavra espúria, o que provoca o recuo de Sabino, “[...] como se a palavra pudesse respingá-lo” (p. 52).

A palavra que respinga

Diante da confirmação do discurso do monsenhor no casamento do dia seguinte, é essa palavra que jorra que irá motivar uma ligação para a dona Noêmia, a secretária. Sabino marca com a moça dali a trinta minutos. Segundo o narrador, “[...] o desejo nascera, de repente, quando monsenhor começou a falar nos jumentos. A urina ardente e translúcida” (p. 54). A palavra que fere, suja e respinga é a mesma capaz de mobilizar a imaginação erótica do personagem.

No lugar do *rendez-vous* – encontro, no francês, mas também, prostíbulo, no português – pensa nos dois eventos graves que o acometem na véspera do casamento da filha:

[...] estava, ali, à espera de uma mulher que não desejava. E o genro surpreendido quando beijava a boca de outro homem? Um homossexual é um ressentido contra a mulher. Conhecia um que, de vez em quando, queimava o seio da mulher com a ponta do cigarro (p. 62).

Sabino parece reverter o complexo de Édipo na sua definição para o homossexual. Além de apontar para algo que poderia ser descrito como sadismo, mas sem desenvolver, amplamente, as elucubrações. Em passagens como estas, ele aumenta o nível de contradição em torno de si mesmo. Nas passagens em que se dirige ou menciona a esposa, a agressão verbal é uma constante.

Da avaliação negativa do lugar que aluga de dona Sara e da desconfiança de que a mesma estaria repassando o quarto para outros casais, elabora uma ofensa contra a senhoria, o que resulta na resposta humilhante: “Caftina é sua mulher, suas filhas! Vem prá cá, com seus vícios, um velho que não se enxerga!” (p. 62).

Esse arroubo de ira e sinceridade se soma aos aspectos que fragilizam Sabino ao longo da narrativa. Diante do medo físico provocado pelos gritos, raciocina: “‘Ela pensa que sou como os outros velhos que’. Só conhecia o amor normal. O amor normal é triste e doente. Doente, não. Mas é triste, o amor normal é triste” (p. 63). A revelação do personagem, porém, não exclui o desejo por outros tipos de “amor”.

Um velho que não se enxerga

No procedimento sexual, interrompido pelos acessos histéricos e extasiados de dona Noêmia, constata: “A mulher tem obrigação de ser cheirosa” (p. 65). Em mais esse caso, a figura da mulher é desmerecida.

A guturalidade inconsequente e sexual de Noêmia traz para si a lembrança de que sempre praticara o sexo em silêncio.

Com a mulher e as outras, sem palavras. Na cama conjugal, quando Eudóxia queria falar, interrompia:

- Cala a boca! Cala a boca!

Esse prazer mudo assustava a mulher. Eudóxia queria saber por quê:

- Eu nunca sei quando você goza.

Pulou:

Como é ordinário dizer ‘goza’! Quem fala assim é vagabunda! Certas expressões, a mulher de classe não usa. Pois é: não usa! (p. 68).

Além de “goza”, fazia parte do vocabulário de Eudóxia e de suas amigas “xoxota”. E mais, “na mesa com visitas, dizia ‘cocô’, com a maior naturalidade e, até, com certa graça. A palavra que mais deprimia Sabino era cocô. Fezes, fezes, não cocô!” (p. 68). Outra vez, o excremento (verbal) liga-se à constituição de seu asco.

Porém, para não sair desse exemplo contraditório, que consistia em sempre dizer algo e praticar o contrário, é a palavra erótica que irá motivar a conclusão do ato sexual com Noêmia. O jorro verbal irá descrever aquilo que Sabino tem enxergado como um complicador para a realização do casamento da filha: a prática do sexo homossexual. Na primeira passagem, diz:

--Uma vez, quando eu era garoto, eu e um menino fomos tomar banho juntos. Banho de rio, no Trapicheiro. Eu tinha doze anos e ele, catorze. O menino era mais forte do que eu. Tiramos a roupa. E, então, ele me agarrou.

[...]

-- Você sabe? Diz. Agora você vai dizer: sabe o que aconteceu entre mim e o e o garoto? Não fica calada. Diz, não. Diz: sabe? (p. 69).

As respostas de Noêmia, como todas as suas inserções na narrativa, são monossilábicas, conduzidas pelo interrogatório arrebatado de Sabino. Para eliminar a impressão do hábito, garante: “—Mas foi só uma vez, só essa vez. Agora responde. Quem serviu de mulher, eu ou o garoto? [...] O garoto era mais forte do que eu. Me deu uma bofetada. Era mais forte. Eu não queria. Eu não queria gostar, mas gostei” (p. 70-71).

A operação desse imaginário erótico só se conserva durante o período do ato sexual em si. Ao gozar chorando e gritando o nome de Glorinha, suspende a fantasia e impõe: “Quero que a senhora saiba o seguinte: aquilo que eu disse, a história do tal garoto, não é verdade, não aconteceu. Eu inventei na hora. Foi uma **fantasia erótica**. – E repetiu, desesperado, a palavra: – Erótica” (p. 71, grifos nossos). A definição que o personagem propõe parece concordar com aquilo que Moraes atribui à literatura erótica:

[...] toda literatura obscena implica uma orgia. Dito de outro modo: se a fabulação dos amantes visa a prolongar a intensidade do desejo, ao texto que lhe corresponde cabe prolongar indefinidamente as imagens fabuladas, projetando-as num espelho que [...] tem a capacidade de transformar, deformar ou ampliar tudo que nele se reflete. O erotismo literário é, em suma, a fantasia da fantasia (MORAES, 2015b, p. 21).

O convite para a entrevista com Noêmia insere outra figura na narrativa, o amante da moça, Xavier, “[...] um homem de quarenta e cinco anos, obeso e triste” (p. 57). Casado, tutor da esposa morfética, era o amante secreto da jovem pobre e, por isso mesmo, esfomeada. Naquele mesmo dia, Noêmia esperava uma ligação do “consorte” às cinco horas, ligação que não atenderia, pois seguia ao encontro do patrão. Diante de mais esse personagem masculino, as características de adúltero e amante de jovens desfavorecidas estão no mesmo plano de uma desvalorização da figura masculina que viemos descrevendo até aqui. Sobressai o fato de ser Xavier um homem que tem trato com a ferida, embora ele não goste de tê-lo. Xavier é quem cuida, dá banho na mulher leprosa.

Da entrevista erótica com Sabino, Noêmia herda a repugnância com relação a Xavier. Na boca do amante humilhado, mais uma frase pronta: “[...] não se humilha um homem” (p. 77). Ao deixar as dependências da imobiliária, adere ao grupo das masculinidades desautorizadas na narrativa. Esse momento demarca a entrada de Xavier para o grupo de personagens vingadores e impotentes, recorrentes na obra rodriguiana. Os detalhes dessa vingança serão expostos mais adiante.

Impotente também é o próprio Doutor Camarinha. O conflito com a sua esposa, uma mulher que se tornou “[...] louca, devoradora das próprias fezes” (p. 85), após a morte do filho do casal, é dividido com a lembrança e o cheiro daquela que acabara de sair deixando no ar a essência de seu sexo. A aflição antecede o desejo de sangrar as próprias brotoejas, provocadas pela sua obesidade e pelo calor. Os fluídos corporais são motivos de incomodo e dor, mas, detonadores do desejo erótico.

É no cemitério que tomamos nota do encontro surpreendente que teve com a noiva. Da dúvida sobre as motivações do toque ginecológico, o que Camarinha irá obter é mais do que essa resposta, mas o nome do deflorador daquela que, para Sabino, seria a última das noivas virgens. A moça entrega: “Eu estava fugindo. Fugindo de um homem que ... Eu não podia gostar desse homem. Compreende? Fui eu que provoquei Antônio Carlos. Me ofereci. Seu filho não foi culpado de nada” (p. 89).

É essa confissão que o encoraja a repassar a história do noivo traidor e “pederasta”. Diante da expressão lívida e nada assustada da noiva, aconselha: “Vá para casa e pense se você é capaz ou não de amar um homossexual” (p. 90).

A lembrança que a narrativa insere de Antônio Carlos é bem eloquente. Glorinha repassa o seu aniversário de 17 anos e o primeiro encontro com o garanhão que, na primeira abordagem, desfere um questionamento sobre a virgindade da menina. Isso porque, segundo ele, “[...] tudo, menos cabaço. Menina que começa com chiquê pra cima de mim, chuto pra córner” (p. 95).

Esse momento de franqueza é seguido pelo convite para o programa do dia seguinte, que deveria ser realizado com uma amiga da menina. A escolhida, Maria Inês, ex-namorada do rapagão. A grande novidade folhetinesca é que tal programa envolve o ajudante do médico, José Honório, o mesmo acusado pelo médico de “pederastia”, cujo pai tivera um derrame recentemente.

Na verificação de Camarinha, outra vez a tentativa de construção de uma masculinidade robusta: “Não é bonito? – Baixou a voz e tinha uma cintilação no olhar: – Machão! O telefone lá em casa não pára. O dia todo. Mulheres, mulheres!” (p. 100). Além da propaganda do ideal de masculinidade, apontamos a admiração incestuosa do pai pelo filho.

A descrição é contrabalanceada em seguida, agora por Glorinha, aconselhando Maria Inês a não perdoar o rapaz: “Entre um homem e uma mulher, vale tudo. Mas o que é que ele fez? Põe outro dentro do quarto. Manda o outro deflorar você e fica assistindo. [...] Nojento, nojento! (p. 106). Se para o doutor Camarinha o filho é o exemplo perfeito de “machão”, quando o narrador foca o moço, o que brota é mais uma figura masculina fragilizada.

Quando chegam ao evento suburbano, Antônio Carlos revela algo em torno da sexualidade do anfitrião: “– Não vamos perder tempo. Bicha, sim, viado. Pouca gente sabe, aliás. Meu pai nunca desconfiou e Deus me livre” (p. 117). A programação em questão envolveria o pai de Zé Honório, um positivista, ex-diretor dos Correios e Telégrafos.

A relação com o pai, o filho nos oferece:

Um dia, o meu pai chegou em casa mais cedo. Chega mais cedo e passa no meu quarto. Entra de repente. Eu tinha doze anos. Entra e me vê com um garoto, um pouco maior do que eu. Os dois nus. Eu era a mulher do outro. O velho tirou o sapato e correu com o garoto às sapatadas. [...]

– Depois, o velho apanhou um chicote, chicote mesmo, trançado, e me deu uma surra. E eu não podia chorar. Ele batia, gritando: ‘Engole o choro, engole o choro!’. Eu chorava e ele batia mais. [...]

–O velho não me largou nunca mais. Uma vez, me esbofeteou na mesa: ‘Não fala fino. Fala como homem!’ [...]

– E eu não queria ser homem! Desde garoto, eu não queria ser homem! (p. 120-121).

A ideia consistia em refazer a cena do ato sexual, agora, com uma plateia mais ampla. Além das convidadas de Antônio Carlos, o pai de Zé Honório seria obrigado a assistir a curra praticada por um mulato cobrador de ônibus. Mais uma vez, as passagens que envolvem esse núcleo familiar desautorizam a figura paterna em todos os sentidos. A oportunidade coaduna com equação “[...] pais humilhados, filhos perversos” (2003, p. 285), que Xavier elabora sobre o cinema desenvolvido a partir dos anos 1969, no Brasil. Obviamente, algumas adaptações de Rodrigues fazem parte desse grupo.

É pela reprodução do sexo homossexual que o filho, agredido desde a infância, enterrará de vez o desejo paterno de manutenção da virilidade. Suas condições físicas atuais, deterioradas por um derrame cerebral, acentuam mais esse caráter de decrepitude.

O instrumento da vingança, Romário, contribui para o efeito de desmoralização desejado pelo filho. Trata-se de “um mulato forte, lustroso de ventas obscenas [...] Tem a coxa plástica, elástica, vital, como a anca de um cavalo” (p. 125).

Vencidas todas as tentativas de abandono da casa, o ambiente é tomado pela lascívia. A máxima dessa atmosfera é a movimentação sexual, frenética e selvagem, em que as duas moças se encontram, o que desembocará no defloramento de Glorinha por parte de Antônio Carlos; no desespero de Maria Inês, colocada de lado dessa movimentação erótica; e no frêmito desesperado de Zé Honório, que se incumbe de quebrar toda a atmosfera libertina, ao anunciar a morte do pai diante da cena que lhe foi proporcionada.

Diante do abandono iminente de todos, arregimentado por Antônio Carlos, indiferente à dor de uma “[...] bicha indecente” (p. 134), Zé Honório profetiza: “– Você vai morrer, Antônio Carlos, vai morrer” (p. 134). A palavra de Zé Honório, pederasta confesso, será profética.

Durante a viagem de volta, Antônio Carlos desestabiliza a imagem que o seu pai constrói ao seu redor: “– De vez em quando, tenho asco de mulher. O sujeito deve usar mulher e dar lhe um pontapé na bunda” (p. 140). É essa figura que irá reproduzir para Glorinha o desejo infantil de catástrofe. Para eternizar aquilo que ainda não consegue definir, propõe várias vezes para a moça: “– Você quer morrer comigo?” (p. 143)⁴.

No retorno a sua casa, uma reflexão de Glorinha sobre o defloramento de uma prima, nos informa que ela já possuiu outro namorado, Luis Adolfo, rapaz “[...] talvez delicado demais”, esposo dessa parente. O tempo da narrativa acompanha os momentos posteriores à espetacularização do sexo homossexual.

A definição desse sub tópico quem nos oferece é o Doutor Camarinha, ao definir o pai do Zé Honório que acabara de falecer. O motivo da visita do médico ao amigo Sabino é o empréstimo de um valor para o funeral do pai de um “[...] rapaz admirável” (p. 151).

⁴Sobre o que chamamos de “sentimento da catástrofe”, Le Brun afirma: “[...] não conheço infância digna desse nome que não tenha escalado massivos trens descarrilhados, que não tenha navegado por rios de lava, que não tenha constituído um reino sobre cidades (LE BRUN, 2016, p. 46).

É ainda desse momento da narrativa que Glorinha irá rememorar a última conversa com Antônio Carlos. Na interlocução, a possibilidade de um arranjo sentimental entre os dois dali para adiante. Entre sonhador e enamorado, confessa para a jovem: “–Há muito tempo que eu não dormia sem tomar comprimido. Ontem, não tomei. E dormir bem pra chuchu. Acordei ainda agorinha”, (p. 151). A próxima notícia que terá do moço é a do desastre que o acometeu.

O ato sexual é uma mijada e um gângster da virtude

Mais uma vez, a narrativa foca o encontro entre Sabino e o monsenhor. O confessor é movido por uma vertigem provocada pela culpa. A dúvida envolve o relato ou não da suposta homossexualidade do genro.

Antes, uma consulta sobre a insígnia “homem de bem”, frase que o acompanha em conjunto com a imagem do pai que definha entre fezes. Nesse ponto da narrativa, entra em jogo a possibilidade de (não) dizer tudo:

Sabino teve medo. ‘Tudo’, menos as fezes do pai. Não diria que, desde manhã, só pensava na morte do pai. No casamento da filha e na morte do pai. Sentia, por toda a cidade, o cheiro de sangue e urina que há em toda agonia (p. 171).

Os dois eventos se aproximam: no primeiro deles, há a figura espectral do pai; e, no segundo, a imagem da filha sendo transferida para outro homem. Nos dois casos, o mantenedor familiar é desautorizado.

O monsenhor insiste: “O que não se diz, apodrece em nós. [Ao que o narrador completa, sobre Sabino:] “Quis acrescentar que o ‘fato’ estava, dentro dele, como uma ‘gangrena’. Mas ‘gangrena’ foi a palavra que não lhe ocorreu (p. 171).

Ao final da visita, relembra que, “com d. Noêmia, o ato sexual fora uma típica mijada” (p. 173). Do ato orgânico, prazeroso e, às vezes, involuntário, o personagem retira a dimensão da fantasia ao defini-lo como biológico e animalesco.

O curioso é que a figura do sacerdote é uma das peças-chave na ativação, em Sabino, da palavra como ferida. O caráter desbocado e desabrido do clérigo afeta e enerva a sensibilidade *feminina* do pai casamenteiro.

Quando o padre relembra em Sabino a confissão sobre uma masturbação materna, esse choque é evidenciado: “Sabino não dissera ‘masturbação’. E a palavra doeu-lhe na carne

e na alma. ‘Onanismo’ era muito menos vil. [em seguida] Outra vez, a palavra! Monsenhor insistia, como se tivesse a intenção (gratuita e monstruosa de brincar com **uma ferida hedionda**” (p. 174, grifo nosso).

Entre uma trivialidade e outra, ou uma brincadeira verbal que afeta a sensibilidade de Sabino, o monsenhor define o padre de esparadrapo no pescoço como “pederasta”. Se as estratégias utilizadas por Rodrigues são cíclicas e insistentes na urdidura de um romance-convite, que não dá margem para a negativa do leitor, é evidente que suas personagens, principalmente, as masculinas, estão sempre às voltas dos temas relacionados à sexualidade, se não a deles mesmos, a de terceiros. O efeito disso é, além de uma reflexão sobre a virilidade defendida, a criação de uma masculinidade dada às futricas, mexericos e calúnias, o que revela uma sensibilidade que os mesmos atribuem às mulheres. Mais uma vez, o trato com a ferida envolve o debilitamento da masculinidade.

Outra dessas fofocas é a que o monsenhor revela em torno de uma jovem que o procurou. A novidade gira em torno da tentativa de sedução empreendida pela moça: “Menina-noiva. Diz que ama o noivo. E talvez ame, sei lá. Mas queria ser deflorada por mim. Por mim, Sabino!” (p. 175). Depois de um breve comentário sobre a sexualidade, diante de um Sabino inculcado, se despede de maneira dúbia: “Diz à Glorinha que eu rezo sempre por ela. Adeus” (p. 176).

A descrição que Sabino empreende sobre o monsenhor, mais que justificar o possível desejo que o padre poderia provocar em uma fiel menos incauta, revela as impressões do próprio sobre o aspecto corpóreo do clérigo: Um homem com aquelas ventas, aquela nuca, aquele tórax, não deixaria a pequena partir sem uma carícia. [...] pôs se a imaginar a cena: [...] agarrando a garota nua, possuindo-a, atrás da porta, em pé. Uma posse feroz, sem uma palavra. (p. 177).

Na medida em que o narrador se mistura na voz de Sabino, o que poderiam ser as impressões deste com relação às da jovem desnuda, em seu desejo de desfloramento, passam a ser a sua própria erotização da imagem do religioso.

A bunda obsessiva e irreal ou “Olha o cu! Olha o cu!”

Quando Sabino se encontra diante do noivo, agora dentro da narrativa inicial, a que antecede o casamento, continua com as suas reflexões sobre a vida e postura “pederastas”. Diante da proximidade do noivo, Sabino desenvolve o medo, a aversão, materializados na frase: “Será que o hálito de Teófilo tem cheiro de esperma”. Sobre as consequências desse odor, não amplia o conflito. Se a explicação não existe, o que pode ser definido como medo, também pode ser descrito como curiosidade e, em última escala, desejo e inveja.

Ao longo da narrativa, o relato do doutor Camarinha e os efeitos que o mesmo provocou em Sabino acumulam e colocam em dúvida a hombridade e a masculinidade de Teófilo, agora, já lembrado como “bicha imunda” (p. 37). Essa figura, humilhada ao longo do romance enceta, logo adiante, outro importante golpe na direção do futuro sogro: o mesmo não aceita o cheque de cinco milhões do sogro e, mais grave ainda, rasga o documento em muitos pedaços, diante do benfeitor.

Em mais essa passagem-chave, a figura de Sabino é desautorizada quando Teófilo rasga o cheque, e com isso, humilha a “onipotência” do sogro: “Eis a verdade: a agressão de Teófilo (era uma agressão quase física) envelheceu Sabino” (p. 183). Mesmo assim, em seu orgulho de provedor ferido, formula uma contrarresposta: ““Ah filho da puta!”. Estava convencido, mais do que nunca, de que só um pederasta podia ter feito aquilo. No mínimo, Teófilo sabia do cheque. Sabia e premeditara tudo. Nenhuma sinceridade. Puro teatro. Uma bicha fingindo escúpulos” (p. 184).

O momento em que o gesto de Teófilo quebra a lógica paternal e financeira de Sabino, óbvio, não seria o mais adequado para que a secretaria discutisse a (não) relação entre os dois. Para acentuar o caráter de safadeza da moça, o patrão afirma que a mesma agiu como uma profissional ao trair o seu companheiro. E, como argumento, afirma: “[...] não tinha havido entre nós uma palavra, um sorriso, nada!”. Em momentos como esse, a palavra se reverte, para Sabino, na capacidade de atenuar a prática repugnante, algo próximo de um lenitivo para o mal.

Numa tensão gradativa, por telefone, Sabino recebe a notícia de que a dama de honra havia sido trocada. A atual, Silene, a epilética, já havia sido citada em algumas passagens na narrativa. Esse efeito reforça o sentimento de uma narrativa, além de cíclica, coerente no

arranjo de suas peças. Porém, até aqui, não obtemos todos motivos pelos quais tal escolha é motivo de fúria. Mais adiante, iremos descobrir que a preocupação e a defesa pelo ritual escondem detalhes mais torpes da conduta de Sabino.

A fábula homossexual

Antes de encerrar o capítulo 21, destacamos a passagem em que a secretária Noêmia afirma que sabe os motivos do estranhamento e da frieza do chefe. A conduta seria “[...] por causa daquilo que o senhor me disse” (p. 190), o que Sabino irá entender como uma indireta sobre a “a fábula homossexual” de sua infância.

O equívoco será explicado adiante pela secretária: o fato de Sabino pronunciar o nome da filha enquanto atinge o clímax sexual. Interessa-nos, sobretudo, essa denominação que o próprio Sabino nos oferece sobre o coito de sua infância. Isso porque o mesmo irá encenar outra fábula homossexual quando diante de sua filha, Glorinha. Ou seja, em profundidade, a correspondência entre a filha e a fábula é mantida, mais uma vez.

A fábula é iniciada com a denominação “menininho”, utilizada pelo pai para se referir à moça e consentida por ela, sendo que “[...] os dois achavam uma doçura cruel nessa troca de sexo” (p. 192). Aqui, é impossível não pensar nos processos de iniciação e maturação sexual dos efêbos na Grécia Antiga. Para naturalizar o carinho mais incisivo desfechado ao corpo de sua filha, o personagem realiza a transposição do gênero do adjetivo.

A inversão autoriza a posse sexual da filha. Ao mesmo tempo, a imagem da moça traz à tona um dado de homossexualidade. Há, nos trechos, a crença, por parte do pai, de que a filha precisa ser iniciada sexualmente, o que se revela um engodo. Essas passagens, num crescendo, desembocarão na pequena fuga que Glorinha o induz. Segundo a moça, a aventura será uma oportunidade para que os dois possam dizer tudo.

Depois de pensar brevemente sobre a praia de sua infância no Rio Grande do Norte, “[...] súbito, ele descobre por que ninguém esquece o mar. O mar cheira a esperma, urina velha, sexo mal lavado” (p. 203). A intensidade do último encontro com a filha solteira, provoca reflexões como esta e como as que seguem: “Sabino pensa que no fundo do mar, muito no fundo do mar, há imensas florestas menstruadas” (p. 203). A metáfora do mar volta-

se para aquilo que está no âmbito do incalculável onde vai parar tudo que é próximo ao dejetivo. De novo, o inconmensurável, como Deus, junta-se ao excremento.

O tudo a que Glorinha revela se refere ao ódio generalizado que sente para com as irmãs, a mãe e o noivo. Há, ainda, o amor por um homem misterioso, não nomeado durante todo o romance. A ambiguidade da abordagem de Glorinha irá moldar um Sabino capaz de dizer tudo. Antes disso, a filha amplia os motivos pelos quais nutre o ódio materno. Ao descrever um banho que recebera de Eudóxia, acusa: “– Até que, na última vez, depois de me enxugar. Está ouvindo, meu pai? Minha mãe me agarrou, me virou e me deu, na boca, um beijo de língua. Como se fosse homem, papai!” (p. 206). Do relato, há a impressão de que, nessas condições, se fosse homem, o evento estaria permitido.

A incredulidade do pai e a defesa de Eudóxia acentuam, ainda mais, a derrocada dessa figura: “Vou te dizer mais, ouve, vou te dizer mais. Tua mãe teve um amante. Me traiu. Eu perdoei ou nem isso. Fingi que não sabia. É adúltera, mas lésbica, não. E muito menos lésbica da própria filha. Eu sou cristão, eu sou cristão!” (p. 207).

O ápice desse encontro é o beijo de Sabino que, ao não dizer, textualmente, o nome da filha como o objeto de amor carnal, afirma isso com a boca, o que provoca a reação violenta e desesperada de Glorinha. Ali, ela obteve um “[...] beijo de língua como o de minha mãe” (p. 208), por isso, foge do pai. Abandonado, é através da palavra que Sabino tentará amenizar a chaga de seus gestos: “Glorinha não entendeu. Eu não sou incestuoso. Eu não desejaria a minha própria filha” (p. 208). Nesses casos, como em todo o romance, o que se diz não é eficaz para acreditar naquilo que o personagem deseja imprimir a si.

Os humildes das feridas

Antes do retorno de Sabino ao seu lar, destacamos a passagem que irá definir o futuro de d. Noêmia. Trata-se de um encontro entre Xavier, o esposo da morfética, Sandra, companheira de trabalho da secretária, e seu esposo.

Definindo-se como um adepto da teoria de que um amigo deve dizer tudo, Saraiva desfere essa frase sincera e cruel para o amigo: “[...] o suor do corpo vai entranhando. Compreende? Acaba cheirando mal. Você me desculpa se...” (p. 224). A franqueza é acompanhada de uma recomendação, Xavier deveria deixar de ser humilde diante da amada.

Obviamente, Sandra não se despende sem deixar no ar a possibilidade de que o seu interlocutor esteja sendo traído pela amiga.

O último encontro entre Xavier e Noêmia ocorre na imobiliária. Seria mais uma tentativa de retomar o *afffair* com a moça. Diante de todas as negativas, compreendeu, humilhado, porque a moça já havia perguntado se ele era judeu, pergunta respondida com um singelo “não”. Adiante, desenvolveu:

Apenas tinha a humildade de quem lavava, todos os dias, as feridas de uma leprosa. Mas voltou para ser humilde. Vinha pedir, pedir, ainda uma vez, pedir. Quando chegasse junto de Noêmia, diria: ‘Eu não posso viver sem você!’ Estava certo de que falaria chorando (p. 229).

Incapaz de obter o que deseja com a postura, ou mesmo com algo articulado no plano do verbal, o amante rejeitado, vencido pelo abandono, só é capaz de retornar e enterrar o punhal nas costas da infeliz secretária. Sem uma fúria racional, retalha a face e o sexo da ex-amante. Toma um táxi. Segue para sua casa.

A partir daí a narrativa vai ganhando ares de tragédia inexorável. Diante da esposa leprosa, que berra de ciúmes por conta da sua demora, é capaz de lhe jurar, não só um beijo, mas, o amor de tempos idos. Enquanto a esposa espera, sedenta de desejo: “[...] introduziu na boca o cano do revolver e puxou o gatilho” (p. 236). O exemplo de Xavier se soma ao de Sabino quando elencamos essa masculinidade ruída que o romance estabelece desde suas páginas iniciais.

Sobre este último, o romance ainda guarda o julgamento final por parte das três filhas mais velhas. Como falamos em tragédia, a movimentação de Dirce, Marília e Arlete, circular e cada vez mais próxima de Sabino, parece reproduzir um coro de três parcas inexoráveis em seu julgamento, distribuição e execução de uma pena. Segundo a mitologia grega, Cloto, Láquesis e Átropos eram as responsáveis por fiar, dobrar e cortar o fio da vida humana, respectivamente.

O motivo: o valor do cheque que o noivo de Glorinha havia recebido de presente de casamento. O ato financeiro servirá para que as três saldem a dívida do pai para com as mesmas. Sabino possuiria em Glorinha a figura de predileção afetiva e financeira entre as filhas. A conta seria simples. Mesmo que o noivo da moça não tivesse aceitado os cinco

milhões, ali, cada filha deveria receber um cheque de quatro, para compensar o milhão que seus respectivos maridos receberam nos seus casamentos.

Mais uma vez, a negativa e o espremeio de um pai que agoniza na busca por respeito. O velho resiste, acuado, até o momento em que o coro começa a repetir a palavra mágica: Deflorador!

Agora, serão retomadas todas as passagens referentes à menina epilética e à negativa de Sabino sobre o incesto. Na melhor forma de um folhetim, a novidade cai como uma bomba e destrói qualquer possibilidade de brio do acusado. A filha mais velha, suave, explica o que aconteceu, anos atrás, na sua festa de aniversário. Silene teve um ataque e Sabino a carregou até uma parte escura sem saber que era visto pela fila: “Tudo aconteceu debaixo da janela. Deflorador, sim, deflorador. E de uma menina com ataque e durante o ataque. Silene tinha treze anos e o senhor parecia louco” (p. 245).

A confissão das filhas é que vem desvencilhar completamente o poder do pai. Desautorizado, mais uma vez, só lhe resta assinar o cheque. No último capítulo do livro, essa figura destruída se volta mais e mais para Noêmia, imagem perfeita de uma escrava submissa. Planejava dizer para a moça, em seu reencontro: “Você é a única coisa que eu tenho na vida” (p. 247).

Glorinha vem trazer a notícia da despedida do monsenhor, em sua última visita antes do casamento. As últimas palavras do padre serão decisivas para Sabino: “Só está salvo aquele que reconhece a própria lepra e a proclama. [...] Não espere mais. Assuma a sua lepra. E não a renegue, nunca! É a sua ressurreição, homem” (p. 251). É preciso que a ferida hedionda que abre a palavra se junte com a lepra da vida de cada um. Só pode se redimir a ferida moral através da ferida que se diz. Sabino falha, antes de tudo, em seu projeto de construção da imagem de um homem de bem.

Já no dia do casamento, é a notícia do assassinato de d. Noêmia que ameaça a realização da cerimônia. Diante de mais essa intempérie, Sabino garante: “[...] o importante é o casamento” (p. 255). Depois do evento, que não possui maiores descrições na narrativa, Sabino deixa a igreja e procura uma delegacia. Diante da imprensa reunida, assume a culpa pela morte da secretária: “Eu, Sabino Uchoa Leite Maranhão, matei ontem, no meu escritório, por ciúmes, a minha secretária Noêmia” (p. 255). Essa bravata, que o aproxima do desejo de

ressurreição, só acentua o que temos descrito ao longo do trabalho. Na tentativa de assumir a sua culpa, atrai para si o crime hediondo que jamais cometera.

Considerações finais ou “o casamento é toda uma estrutura, toda uma construção, toda uma...”

Já que as peripécias de todas as personagens compõem aquilo que poderíamos chamar de convite, ao leitor, não restará dúvidas com relação à cerimônia anunciada. É justamente a liturgia matrimonial que encerrará o romance-convite de Nelson Rodrigues.

Se a figura patriarcal será alvo de uma desmoralização sistemática, residirá nos dados da homossexualidade a linha de força desse desfavorecimento. De modo geral, todo o imaginário erótico em torno do personagem Sabino – principalmente, mas não só – contribui para essa construção decadente. Desse cenário, a fricção entre a masculinidade, que vai sendo defendida no romance, e o homoerotismo, performado por meio da palavra, e somente via oralidade, se configura como uma das principais vertigens que sustentam o romance.

É possível dizer, por outro lado, que tais personagens são compostos por uma amoralidade acentuada. Muitos outros elementos podem ser elencados na composição de tal amoralidade, além do combate hipócrita da homossexualidade ou a prática do sexo homossexual, de maneira enrustida, e por meio somente da palavra. Pensando nos termos de Bataille, o romancista nos oferece uma “hipermoral” (2015, p. 09) em seu romance. É essa hipermoral que permite-nos ler a obra em uma linhagem erótica e fantasiosa.

O excesso e o grotesco reafirmam a chamada para o rito matrimonial. O casamento será mantido ao final da narrativa. Em seus últimos momentos, o convite de Nelson Rodrigues para o casamento é desfrutado. Já a autorização para a imersão em sua literatura, o que poderia provocar a impressão de que estamos diante de uma transposição da vida da família burguesa carioca do período, nem tanto. Mas, no caso de aceitar a convocatória, é bom que o leitor tenha em mente que, nessas páginas, não lhe será servido guaraná.

Referências

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. 1. edi. 1. reimp. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.
_____. **A literatura e o mal**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015a.

_____. **A história do olho**. 3. edi. Tradução: Eliane Robert Moraes. São Paulo: Cosac Naify, 2015b.

DORRA, Raúl. **La casa y el caracol**. México D.F: Alción Editora. 2005.

LE BRUN, Annie. **O sentimento da catástrofe**: entre o real e o imaginário. Tradução: Fábio Ferreira de Almeida. São Paulo: Iluminuras, 2016.

MORAES, Eliane Robert. Um olho sem rosto. In: BATAILLE, Georges. **A história do olho**. 3. edi. Tradução: Eliane Robert Moraes. São Paulo: Cosac Naify, 2015a, p. 95-126.

_____. Da lira abdominal. In: _____. (Org.). **Antologia da poesia erótica brasileira**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015b, p. 17-50.

RODRIGUES, Nelson. **O casamento**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

_____. O culto da imaturidade. In: _____. **O óbvio ululante**: primeiras confissões. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993, p. 227-229.

XAVIER, Ismail. **O olhar e a cena**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

Sobre os autores

Liliana Patricia Marlés Valencia

Doutora pelo programa de Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Universidade de São Paulo – USP.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6422823726186380>

Luciano de Jesus Gonçalves

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo – USP, professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0505415680205025>

Artigo recebido em Agosto de 2018.
Artigo aceito para publicação em Outubro de 2018.